

Nem no Senado Jader tem apoio unânime do PMDB

Renan lê nota de solidariedade que fala em orquestração contra o partido, mas senadores discordaram de seu teor

Catia Seabra

• BRASÍLIA. Um dia depois de os deputados negarem apoio, a bancada do PMDB no Senado também não garantiu unanimidade ontem para a divulgação de uma moção de solidariedade ao presidente da Casa, Jader Barbalho (PA). Com dificuldade de obter assinatura dos 26 senadores da bancada, o líder do partido, Renan Calheiros (AL), optou pela leitura em plenário de uma nota segundo a qual o partido "está convicto da existência de uma orquestração contra o PMDB". Para evitar constrangimentos, a idéia de moção — que requer assinaturas — foi abortada. E a divulgação da nota contrariou uma fatia do partido.

— Não assinei. Não me responsabilizo por essa nota — reagiu José Fogaça (RS).

Como, segundo a nota, Jader "recebeu todo o apoio da bancada ao pulverizar com provas, um a um, todos os rumores que vêm sendo veiculados sistematicamente pelos órgãos de comunicação", o senador Gerson Camata (ES) — um dos sete ausentes à reunião em que Jader apresentou sua defesa — ironizou:

— Se ele convenceu a bancada, que é tão esperta, deve ir à tribuna para convencer todo o Senado e o povo.

"Nota é de responsabilidade de seu autor, diz Maguito"

O presidente do PMDB, Maguito Vilela (GO), também prejudicou a estratégia da bancada. Ao deixar, contrariado, a sala da liderança do PMDB, Maguito disse que ninguém assinaria moção de apoio a Ja-



Ailton de Freitas

JADER COM a bancada do PMDB no Senado: expondo sua defesa, ele se disse vítima de um massacre

der. Depois de conhecer o teor do documento, afirmou que discordava dele:

— Não estou convencido de que há uma orquestração. O conteúdo da nota é de responsabilidade de seu autor — disse ele, enquanto Pedro Simon (RS) insistia na instalação de uma CPI para investigar denúncias contra Jader.

Alegando que Maguito apoiara a idéia de moção, Renan argumentou que a nota tinha a unanimidade dos presentes. Por isso, as assinaturas seriam dispensadas.

— Quem põe a cara para defender Jader? Eu. O líder da bancada — disse Renan, revelando todo seu desconforto.

A reunião foi marcada pelo constrangimento da véspera, quando a bancada da Câmara

rejeitou a proposta de moção. Ainda na noite de terça-feira, Damião Feliciano (PB) tentava atrair signatários. Mas nem o líder Geddel Vieira Lima (BA) tinha assinado o documento.

— Assinei por causa da burrice atávica dos portugueses — contava, à noite, José Lourenço, um dos nove signatários.

Na reunião, Jader expôs sua defesa por 45 minutos, dizendo-se vítima de um massacre patrocinado pelos jornais. Ele acusou o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) de alimentar a mídia com informações contra ele. E avisou que, no fim de semana, aparecerão novas denúncias sobre o Pará, segundo as quais uma americana teria recebido um empréstimo de US\$ 5 milhões e passado ao senador.

Para se defender, Jader disse aos senadores que eram falsos os números divulgados pelo secretário especial José Diogo Cyrillo da Silva, responsável pelo processo de investigação de fraudes na extinta Sudam. Jader negou que cheguem a R\$ 9 milhões os recursos destinados ao Ranário Touro Gigante, do qual Márcia Centeno, sua mulher, é sócia desde 1989. Segundo Jader, a quantia é de R\$ 429 mil.

Cyrillo contesta, alegando que Jader apenas converteu a moeda da época da liberação para o real, sem computar o impacto da inflação e muito menos multa e juros.

— Não estou fulanizando a investigação. Esse é o critério de cálculo adotado em todos os casos — disse Cyrillo. ■